

MULHER EM MOVIMENTO

Ano XXIV nº 55 - Novembro e Dezembro/2016

Associação de
Bancários
bancariosbahia.org.br

Departamento
de Gênero

CTB

FEEB
FEDERAÇÃO DOS BANCÁRIOS
DO ESTADO DA BAHIA



Empoderar os cabelos crespos

Página 2

Mulheres na política

Página 2

Novembro Azul

Página 3

www.bancariosbahia.org.br

PRETA BAHIA PRETA

Jorge Carrano

Não preciso me lembrar que a Bahia é preta
Não preciso me lembrar que a poesia é preta
Não preciso lembrar pra Bahia
que ela é mesmo preta
Não preciso, não preciso, não preciso...
A alma da Bahia é preta quando brilha
A fala da Bahia é preta quando grita
A faca da Bahia é preta quando gira
A bala da Bahia é preta, prefere e
escolhe preto e mata
E as mães da Bahia que são pretas,
bem pretas, choram.
Não preciso me lembrar
que a poesia da Bahia é preta
Ela vem das ruas, dos quetos, dos quilombos,
do sofrimento para brilhar
nas orlas da avenida
E chorar no pé do caboclo o sangue, o suor,
a alma da periferia no carnaval dos estranhos.
A poesia da Bahia não é preta só
pelos pretos
Pelos xirés, pelo ajeum, preta no mungunzá.
A poesia da Bahia, seja qual for a Bahia
é preta pelos índios de cá
Célula mãe de pindorama que ligaram
essa mistura
E deu numa preta linda!
Batuque capoeira, Besouro
Batuque ancestral, Didi
Batuque candomblé, senhoras
Batuque, e o batuque Pelourinho
de Nequinho
Batuque pensando a Bahia preta
em Milton...Santos
Indignado, por tudo e portanto a Bahia é
preta e pensa
Na raiz ela é Dandara, é Zeferina, Luiz ou
Luizas, Felipas ou Faustinos
Portanto, não preciso me lembrar
como a Bahia é
Como a poesia da Bahia é
A poesia da Bahia é preta!

Participação deve ser ampliada

O impeachment da ex-presidenta Dilma precisa ser analisado também à luz da visão machista que predomina no cenário político brasileiro. A eleição da primeira mulher ao cargo máximo da República sinalizou para uma virada, no sentido de ampliar a participação feminina em cargos

municipais, em outubro, mostra que as mulheres perderam representatividade. Das 5.509 cidades com eleição definida no primeiro turno, apenas 639 terão prefeitas. Menos de 12%, portanto, dos municípios terão mulheres como gestoras. Em 2012, elas foram escolhidas para administrar 663 cida-

Foto: Pedro Ladeira – Folhapress/2015)



Parlamentares reforçam luta por maior participação feminina

públicos, com repercussões no Parlamento e ministérios. O controverso e manipulado afastamento de Dilma, entretanto, acarretou um retrocesso. E o governo Temer já mostrou que não abre espaço para as mulheres em posições de comando.

O País vive um refluxo no que se refere ao número de mulheres em cargos eletivos. Apesar da crescente discussão sobre igualdade de gênero e participação feminina na política, o resultado das eleições

des. Os números não fazem jus ao último Censo do IBGE, que aponta as mulheres como 51% da população do Brasil.

A participação feminina também caiu considerando o número de mulheres que disputaram prefeituras. Praticamente o mesmo nas duas eleições: 2.032 em 2012 e 2.039 neste ano. E parte delas é inscrita pelos partidos apenas para cumprir a cota legal de 30%, mas seus nomes acabam não indo às urnas.

CAPA

Empoderar os cabelos crespos

Ancestralidade, estética e respeito



Foto: Ivan Paraizo

Durante muito tempo, se fazia de tudo pra esconder o cabelo crespo das crianças. Para os meninos: tesoura e máquina de cortar bem baixo, para as meninas: alisamen-

to. A desvalorização era passada de pais para filhos. O preconceito, literalmente, nas cabeças de muita gente.

Ainda a passos lentos, as coisas estão mudando. Felizmente famílias já apoiam novos visuais. Meninas e meninos assumem os cabelos black, os dreads e trancinhas. A autoafirmação do movimento negro se manifesta também na estética dos cabelos como estratégia de empoderamento.

A forma como se arruma os cabelos tem ligação direta com a identidade étnica de um povo. Isso vem sendo abordado de diversas formas, na escola, em documentários, livros e até mesmo na TV, com artistas negros utilizando com orgulho e muita beleza seus cabelos crespos na composição dos personagens.

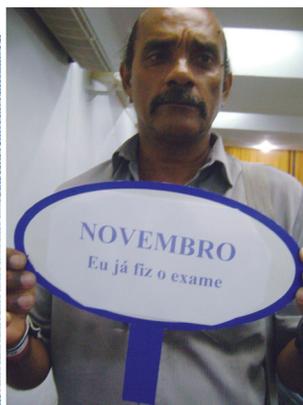
Quando a criança se reconhece negra e sente seus traços valorizados, tem mais força para enfrentar o preconceito e o racismo. É tão bom se expressar sem se enquadrar em modelos impostos, assumindo livremente valores pessoais, originais.

Isto reflete conhecimento da história, valorização da ancestralidade, formação de identidade, reconhecimento do seu potencial humano e atuação na desconstrução da imagem discriminatória do negro, reafirmando sua beleza, sua força e toda a sua originalidade!

Viva as crianças negras do nosso Brasil!

NOVEMBRO AZUL

Diretores do Sindicato e Federação engajados na Campanha



Os cordéis podem ser adquiridos através de encomendas diretamente com a autora Jarid Arraes: cordeljarid@gmail.com



Mulheres negras na história

Se perguntarmos sobre as mulheres negras que fizeram história, que interferiram na história do Brasil, será que teríamos, nas escolas, uma resposta satisfatória? Em que livro se registra a história das mulheres negras?

O Dia da Consciência Negra – 20 de novembro –, consolidado no calendário de lutas, é reafirmado pelo movimento negro. Mas pouco se fala das referências femininas na luta pelo fim do regime escravocrata, na luta pela independência do Brasil ou nas lutas gerais do povo. Por isso, esta edição do JMM homenageia as heroínas negras da história do Brasil.

Salve Dandara, Zeferina, Tereza de Benguela, Luiza Mahin, Acotirene, Anastácia, Antonieta de Barros, Aqualtune, Carolina Maria de Jesus, Tia Ciata, Tia Cimoa, Jacimba Gaba, Eva Maria Bonsucesso, Esperança Garcia, Laudelina de Campos, Maria Felipa, Maria Firmina dos Reis, Mariana Crioula, Na Agontimé, Maria Aranha. Mulheres que defenderam seu povo, mulheres que lutaram pela igualdade, guerreiras da liberdade!

Pouco se sabe da historiografia dessas figuras femininas. É preciso provocar e construir o lugar dessas mulheres, modificando assim, o senso comum, que nega visibilidade às negras na história. Por isso, é de grande valor a narrativa em forma de cordel feita pela escritora e cordelista Jarid Arraes, sobre cada uma dessas mulheres.

Dandara

Sobre Dandara dos Palmares, por exemplo, que pelo fato de ter sido esposa de Zumbi, tem seu

nome mais citado, não se sabe se nasceu no Brasil ou se foi trazida da África. Não existe um esboço de como seria seu rosto. Sabe-se que ela lutou com armas pela libertação total das negras e negros no Brasil, juntamente com Zumbi, construindo um lugar para acolher os homens e mulheres que buscavam a liberdade nos quilombos.

É muito importante resgatar a memória das mulheres negras presentes na história. Reverenciar, durante o Novembro Negro, homens e mulheres guerreiras!

Estamos nessa!

Novembro Azul é uma campanha de conscientização sobre a importância de exames preventivos às doenças específicas dos homens, com ênfase no diagnóstico precoce do câncer de próstata. Um dos principais objetivos é quebrar o preconceito masculino de ir ao médico.

A iniciativa ocorre anualmente e conta com o apoio de entidades médicas, ONGs e secretarias de Saúde municipais e estaduais.

O Sindicato dos Bancários está engajado na campanha. O Jornal Mulher em Movimento publica a coluna “Os Homens que se Cuidem” que, a cada edição, procura trazer uma abordagem nova e estimulante para que os homens cuidem da própria saúde.



OS HOMENS QUE SE CUIDEM

Publicamos nesta edição a segunda parte do artigo do psicólogo Diogo Souza, que propõe uma reflexão mais aprofundada sobre a saúde do homem, com recortes que se tem tudo a ver com este Novembro Azul, mês também dedicado à consciência negra.

Raça, transgeneralidade e saúde do homem

PARTE II

“Nos diversos espaços onde homens interagem e constroem suas masculinidades e seus modos de se definirem como tais, muito pode ser reinventado e novos elementos podem ser apresentados. Aprendamos, respeitemos e vivamos.”

Diogo Sousa ¹

Pelo percurso já traçado até aqui, cabe reafirmar que questões étnico-raciais e de sexualidades e identidades de gênero repercutem diretamente no índice de violência contra homens, e também sobre sua saúde. Segundo o Mapa da Violência de 2015, a violência letal contra homens atinge três vezes mais homens negros em relação a homens brancos, sendo que, para os primeiros, essa violência confronta suas vidas desde os 13 anos de idade⁵. Além disso, a cada uma hora, um homem gay sofre violência no Brasil⁶ e, a cada 28 horas, ocorre uma morte violenta por homofobia⁷. O país ainda figura ser o que mais mata pessoas trans no mundo, tendo somado mais de 600 mortes entre 2008 e 2014⁸. Cabe destacar que questões de território, classe, escolaridade, capacitismo, geração, situação de rua e situação carcerária multiplicam as possibilidades de sofrer violências, bem como lançam novos desafios para pensar nas estratégias de que garantam qualidade de vida e acesso e promoção da saúde para essas populações.

A saúde do homem no Brasil constitui uma realidade vasta, diversa e que exige múltiplos olhares e atenções especiais às violências estruturadas em nossa sociedade, como o machismo, o racismo e a LGBTfobia. Quando padrões hegemônicos e coloniais definem as vidas que importam, e quando sujeitos desde sempre excluídos buscam alcançá-los, por variadas razões, a violência passa a perfazer toda a trajetória relacional, violentando

os percursos individuais e coletivos, atingindo homens e mulheres.

Deste ponto, cabe atentar para os desserviços que o governo interino, presidido por Michel Temer, tem produzido. A exemplo, Ricardo Barros, atual ministro da saúde, declarou, no lançamento da Cartilha do Pré-Natal do Parceiro, que “homens trabalham mais, por isso buscam menos os serviços de saúde” e emplacou com a afirmação de que “são os provedores da maioria das famílias e não acham tempo para se dedicar à saúde preventiva” – embora tenha considerado que “quem precisa, acha tempo”⁹. A fala do atual ministro apresenta grande desconhecimento das realidades de homens e mulheres e das dificuldades que os serviços de saúde têm enfrentado em decorrência desse cenário sustentado, majoritariamente, pelo machismo enraizado em práticas e nesses tipos de declarações.

Além de atentar contra a realidade das mulheres – do trabalho doméstico que soma cerca de cinco horas a mais na sua jornada diária, do crescente aumento de mulheres responsáveis por domicílios e famílias, do Programa Bolsa Família que oportunizou a várias mulheres certo grau de independência para romper com relações de violência doméstica e relações de trabalho abusivas –, o ministro deixou de declarar como a lógica mercadológica da saúde fez com que grande parte da população deixasse de buscar os serviços de saúde e partisse para a automedicação, espe-



cialmente os homens; não apontou que profissionais de saúde destacam o desconhecimento dos problemas, necessidades e demandas de saúde dos homens, o que dificulta a criação de ações para dar conta das mesmas; que a lógica de cuidado à saúde do homem está fortemente atrelada ao modelo hegemônico de homem e masculinidade, que reproduz machismo, racismo e GBTFobia, excluindo grande parcela populacional; que ainda é um desafio atingir a população de gays e homens trans, uma vez que a estratégia mais eficaz para atrair homens às unidades de saúde tem sido através de suas parceiras ao longo do pré-natal, alcançando uma parcela específica de homens (cisgêneros e heterossexuais); entre tantas outras questões.

1. Psicólogo. Especialista em Gênero e Sexualidades. Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Saúde Comunitária (ISC/UFBA).

5. <http://www.mapadaviolencia.org.br/>

6. <http://brasil.estadao.com.br/noticias/geral,-cada-hora-1-gay-sofre-violencia-no-brasil-denuncias-crescem-460,1595752>

7. http://www.brasilpost.com.br/vinacius-de-vita/uma-pessoa-lgbt-morre-a-c_b_10837934.html

8. <http://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2015-11/com-600-mortes-em-seis-anos-brasil-e-o-que-mais-mata-travestis-e>

9. <https://www.brasildefato.com.br/2016/08/12/homens-trabalham-mais-que-mulheres-mais-uma-gafe-de-ricardo-barros/>